

Um imaginário urbano no entremeio entre a literatura e a cidade hoje

Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)*

Resumo: No presente texto objetivamos circunscrever o objeto e o método de nossa tese de doutoramento, desenvolvida entre 2004 e 2008. Sublinhamos a dificuldade em relação aos recortes e à delimitação do objeto no tocante ao método, destacando o funcionamento das noções teóricas em rede. Trabalhamos a existência de um fio condutor, no nosso caso, a rememoração/comemoração, a partir da qual mobilizamos o discurso *de*, o discurso *sobre* e os lugares de memória. Para dar conta do mobiliário urbano, trazemos à tona a noção enunciado-imagem.

Palavras-chave: discurso; rememoração/comemoração; espaço urbano.

Considerações iniciais

Falar de um trabalho de pesquisa e significá-lo como concluído é instaurar equívocos de muitas ordens. Um deles é o do ponto final que se constitui a partir da mesma ilusão constitutiva do sujeito em relação ao discurso, precisamente quando esse sujeito se pensa/se diz/se significa como a origem do dizer e esquece que o sentido “sempre” pode ser outro. Como dizem Pêcheux (1997) e Orlandi (2002), as palavras fazem sentido em relação a sujeitos e à inscrição desses sujeitos em formações discursivas. Assim, para fazer sentido, é preciso que as palavras já signifiquem antes, em outro lugar.

Empiricamente, o ponto final fecha o trabalho, mas discursivamente o abre e torna a abri-lo a cada vez que se pensa nele; mais fortemente, quando se é instado a falar nele/dele. Outro equívoco, não menos importante, decorre do fato de que um trabalho que se pretende de pesquisa expande-se de tal forma que fica difícil, se não impossível, trazê-lo para um lugar, falar dele como se fosse uniforme - um tema e um objeto - quando o vemos multifacetado e com raízes em tantos lugares, do que resulta o desejo de expandi-lo e não de juntá-lo, continuá-lo e não fechá-lo.

* Integrante dos Grupos de Pesquisa *Línguas & Linguagens e Linguagem, Sentido, Memória*. Professora do Departamento de Letras (DELET) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/PR). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. E-mail: marialeciventurini@hotmail.com

Elencamos e destacamos, ainda, o equívoco resultante do fato de um trabalho de pesquisa demandar e ser resultado de leituras, de reflexões, de incursões, de sucessos, de fracassos, de encontros e desencontros de tal ordem que nos surpreende quando se busca nas referências o percurso de pesquisa, como se autores e obras garantissem a investigação e “servissem” para analisar todo e qualquer objeto. Com esse equívoco se apaga, como diz Orlandi (2002, p. 60-1), a necessidade de “[...] introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento na relação de sujeito com a interpretação [...]”. Apagam-se, também, por meio desse equívoco, os deslocamentos, as rupturas.

Outro equívoco, não menos importante, é o resultante da definição do objeto de pesquisa e do percurso analítico, considerando que o objeto é multifacetado e o percurso analítico, cheio de encruzilhadas. Enfim, depois idas e vindas temos um texto, que tem um final, mesmo estando sempre em construção. Como dissemos, inicialmente, nossa proposta é identificar/definir/delimitar o objeto de pesquisa da nossa tese de doutoramento intitulada **Rememoração/comemoração: a prática discursiva de constituição de um imaginário urbano**¹, e, também, dar visibilidade ao percurso analítico pelo qual foi possível dizer que o imaginário urbano é um espaço de rememoração/comemoração. Cabe ainda a questão, a mesma que nos fizemos no passado, no tempo da tese: que objeto é esse? Será um imaginário urbano, que se constitui entre uma obra literária e uma formação social empenhada em rememorar/comemorar o seu maior bem cultural, a herança a ser dividida com todos? Ou será uma reflexão em torno da memória que se estrutura a partir de um discurso *de* (rememoração) e de um discurso *sobre* (comemoração), que no eixo da formulação funcionam juntas, constituindo a rememoração/comemoração por meio da memória discursiva? Será, talvez, uma reflexão em torno do funcionamento discursivo da imagem por meio da noção enunciado-imagem? O filtro do tempo nos permite dizer que o nosso objeto trata de tudo isso e, também, do que ficou apagado, silenciado em seu desenvolvimento.

O trabalho em tela, hoje, é memória (rememoração), mas em 2008 se constituiu como comemoração de um percurso de uma pesquisa, enfim defendida/concluída depois de paradas, avanços e retornos. Como antes, agora também precisamos continuar o percurso, agora como pesquisadora, que fala do seu objeto e dos métodos empregados do lugar teórico de analista de discurso, o que implica andar no entremeio, ocupando o lugar e também o não-lugar daqueles que, como diz Orlandi (2004, p. 15), “são interpretados

¹ Publicada pela Editora da UPF sob o título **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração** (2009).

pela história [...] ocupam um lugar na filiação de sentidos, nas relações de sentido que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes que constituem a possibilidade de interpretação”. Desse lugar, produzimos deslocamentos e aí, segundo a autora, somos instados a interpretar.

Entremeando objeto e método de pesquisa

Dissemos, quando delimitamos o tema e o objeto de pesquisa, que “a relação que se estabelece entre o espaço da cidade e Erico Verissimo colocava-nos em uma encruzilhada”, levando-nos a questionar se “o objeto discursivo deste trabalho é o discurso da cidade ou o discurso *sobre* Erico Verissimo?” (VENTURINI, 2009, p. 41). Decidimos, então, que resolveríamos o impasse, dizendo que o tema da nossa investigação era/é o discurso de rememoração/comemoração da cidade *sobre* Erico Verissimo e destacamos que se tratava/trata de um sujeito da ordem do imaginário, detentor de qualidades idealizadas, pelas quais se significa como *objeto do desejo* (o objeto que desencadeia o desejo – a falta) e *objeto a* (causa do desejo), nos sentidos dados por Lacan (1985). É por meio dessa significação que se instauravam/instauram traços de identificação entre o sujeito Erico Verissimo e os sujeitos-cidadãos que habitam o espaço urbano de Cruz Alta. Fechamos a questão. Mas, esse fechamento se dá apenas na ordem do imaginário. Trata-se da ilusão de um final.

Na ordem do real, a questão continua abrindo possibilidades outras, o que permite dizer, enfim, que junto a esse objeto funcionaram outros objetos. Trabalhamos, então, com o discurso de rememoração/comemoração no espaço urbano da cidade de Cruz Alta. O objeto desse discurso é Erico Verissimo, inscrito no espaço da cidade como memória, em um funcionamento tal que ele, escritor, e a cidade inscrevem-se no interdiscurso “na mesma rede significante, de forma que o que é próprio de um possa representar ou ser transferido ao outro [...]”, conforme Venturini (2009, p. 41). Trata-se de um processo metafórico em que o Um e o Outro se constituem no mesmo e são lidos um pelo outro.

O espaço de rememoração/comemoração é Cruz Alta, pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, cujas materialidades discursivas constitutivas do *corpus* analítico circularam num espaço temporal que inicia em 1969 (ano de inauguração do Museu Erico Verissimo) e se estende a 2006 (um ano após o centenário de seu nascimento). O recorte temporal e das materialidades que constituem o *corpus* de análise demandam tomadas de decisões e escolhas, sinalizando para o gesto interpretativo que, segundo Orlandi (2004, p. 18), é “um ato no nível do simbólico”, atrelado à delimitação do que seja cidade e aos seus sentidos. Assim, definimos a cidade “como um

grande texto que se constitui e se deixa constituir numa ordem que, de um lado é própria dela e, de outro, caracteriza-se por sua ligação com os cidadãos que a habitam e a significam como texto” (VENTURINI, 2009, p. 41). Nessa mesma emergência, sublinhamos que a cidade enquanto texto funciona pela contradição e pelo equívoco. Apresenta-se ora como uma página em branco, possibilitando o novo, ora como uma página escrita que se dá a ler e se que constitui pelas redes parafrásticas, as quais dão visibilidade ao que se repete.

A constituição de arquivo, diante das muitas materialidades em torno desse discurso, é determinante em relação ao dispositivo teórico-analítico, mas para recortar o *corpus* empreendemos pesquisas em torno do objeto, buscando saber das condições de produção do discurso em torno desse objeto e dos seus sentidos no espaço da cidade. Diante dos entornos do objeto de pesquisa e da construção de arquivo resultante deles, optamos por tratar o tema como prática discursiva que se realiza entre sujeitos como parte do imaginário urbano, interpretando o modo como esses sujeitos se “veem” e “veem” esse espaço urbano que imaginariamente está sempre em movimento, em construção.

Essa constituição encaminhou para o funcionamento de Erico Verissimo como uma força midiática, por meio da qual eram visibilizadas festas (Fenatrigio, Coxilha nativista e outras) e outros objetos culturais e de consumo que sinalizam para os sentidos dessa cidade. Interpretamos, também, que esse imaginário urbano mantém relações estreitas com o que vem da literatura, mais precisamente com a obra de Erico Verissimo, começando com suas memórias (**Solo de Clarineta I**) e seguindo com a trilogia **O Tempo e o Vento**. O primeiro texto se constitui como um discurso *de*, que sustenta o discurso *sobre* a cidade como “a terra de Erico Verissimo”, legitimando e ancorando a circulação desse enunciado.

Na obra memorialística, o sujeito-autor discursiviza a cidade do seu tempo e constrói versões discursivas do espaço urbano, do passado desse espaço e dele mesmo, da família Verissimo, dos seus parentes, amigos e das personagens de suas obras, do contexto social, cultural e econômico da sua época, recobrando todas as instâncias da terra que chama de “terra natal”. O inusitado é a presença do ficcional no espaço da cidade na atualidade (por exemplo, a fonte que abastecia a cidade – na atualidade, o Memorial da Panelinha –; a professora de matemática, dona Margarida Pardelhas - nome de uma escola -; a praça principal da cidade, entre outros espaços). Por tudo isso, a Cruz Alta que designamos de “um lugar fora do tempo e do espaço” e a Cruz Alta de hoje dão visibilidade “ao tempo de Erico Verissimo”, simulando a estabilidade de um espaço que é o mesmo no diferente.

A trilogia **O tempo e o Vento**, que representa a saga da família Terra-Cambará como a origem da família rio-grandense, assim como o texto

memorialístico, funcionam como um discurso *de*, na medida em que atualizam discursos *sobre* e, conseqüentemente, a rememoração/comemoração do escritor na cidade, seja para sustentar que a cidade ficcional Santa Fé é Cruz Alta ou para dizer que o Sobrado da família Terra-Cambará é a representação do sobrado da família Verissimo, fazendo circular um discurso em que Cruz Alta e Erico Verissimo se recobrem, como se pudessem/devessem ser lidos/interpretados/compreendidos um pelo outro, por um processo metafórico em que o que é constitutivo de um se transfere ao outro. Esse recobrimento ocorre pela simulação (PÊCHEUX, 1997), que apaga as diferenças e dá visibilidade às possíveis semelhanças e identificações. Desse modo, a cidade, quando rememora/comemora “o filho desta terra”, “o cidadão de todos os continentes” ou a “herança a ser dividida com todos”, é também rememorada/comemorada.

Do arquivo constituído recortamos materialidades advindas de domínios distintos e que não se estruturam somente por textos verbais, mas também por imagens (tratadas a partir da noção enunciado-imagem) *slogans* e palavras de ordem próprias desse discurso. Recortamos textos oficiais, filmes, fotografias, *outdoors*, peças publicitárias e documentários em torno de Erico Verissimo e do espaço urbano. Trata-se de um *corpus* complexo, analisado como discurso de rememoração/comemoração com base nas visibilidades materiais que instauram o “imaginário do ver”, conforme De Certeau (1995), constituídas pelo “fazer-criar” e por procedimentos de “fazer-ver”, materialidades que designamos de mobiliário material ou social. Os recortes efetivados não atendem aos critérios de simultaneidade e de sequencialidade, tendo em vista que estão em um mesmo bloco a placa de identificação da cidade e os prédios com o nome de Erico Verissimo, de suas obras e de seus personagens; o documentário de inauguração do museu, de 1969 e o documentário de apresentação do museu, de 2004, sinalizando para um discurso que se movimenta, que não significa linearmente.

Trata-se, enfim, de uma prática discursiva constituída por textos institucionais que emanam de lugares de memória. A rememoração/comemoração é o lugar de memória em torno do qual os demais lugares funcionam na organização do discurso, que, apesar da aparente saturação, desliza e instaura o novo. Dentre esses lugares, tomamos o Museu (Fundação Erico Verissimo) como o lugar que organiza a memória que circula nos demais lugares, quais sejam: a Unicruz, o poder público municipal de Cruz Alta e a mídia, delimitados como instituições urbanas autorizadas a falar *sobre*, na medida em que se ancoram e que por eles ressoam, no eixo da formulação, um discurso *de*.

As análises estruturam-se em dois eixos: o do “fazer-criar” e o do “lugar de memória”. A partir desses dois eixos, constituímos cinco grupos de

textos, enquanto unidades analíticas afetadas pelas condições de produção, que encaminham para discursos, conforme Orlandi (2004), destacando o funcionamento da formação discursiva da rememoração/comemoração, invadida por saberes e dizeres dos lugares de memória que funcionam junto a ela, caracterizando-a como heterogênea e com fronteiras moveidças.

Marcando posições, atando e entrelaçando os fios

Circunscrevemos, neste ponto, o objeto e uma parte do que entendemos por método, o que dá visibilidade ao modo como constituímos arquivos e como organizamos metodologicamente o objeto e o tema proposto e desenvolvido na investigação. O método, entretanto, abarca mais do que a constituição de arquivo e a estruturação do *corpus*. Fazem parte dele os dispositivos analíticos que direcionam, delimitam, autorizam e ancoram as análises. Nesse lugar, o analista assume posições, ata e entrelaça os fios, fazendo com que o seu texto tenha, mesmo que ilusoriamente, um começo, um meio e se encaminhe para conclusões e para compromissos assumidos quando se opta por trilhar determinados caminhos e abandonar outros.

O arcabouço teórico em torno do imaginário urbano centrou-se na comemoração e no lugar de memória, tomados da História e da Antropologia. Além deles, temos também a literatura, a psicanálise e os dispositivos analíticos da Análise de Discurso. Tomamos a comemoração e o lugar de memória de Nora (1984; 1992; 1993), mas também recorremos a Le Goff e Nora (1995) e Le Goff (2003) para pensarmos a história e diferenciá-la da memória. Buscamos, ainda, a comemoração em funcionamento, nos trabalhos de Malidier e Guillhaumou (1994), de Davallon, Dujardin e Sabatier (1993), embora as pesquisas realizadas tenham mostrado que ela aparece dissociada da rememoração na obra desses autores. Nora, por exemplo, enfoca a rememoração e a aborda como recordação, que se assemelha e se confunde com a história.

No sentido trabalhado em nosso texto, a rememoração funciona como espaço discursivo (PÊCHEUX, 2002), significando como memória, enquanto discurso *de*, e ocorre na dimensão não-linear do dizer, ocupando o espaço do já-dito e do significado antes em outro lugar, e cujo retorno ocorre por meio de recorrências que, de um lado, estabilizam sentidos e, de outro, instauram o novo. Ela se inscreve no lugar em que o dizer não é totalmente acessível ao sujeito, sinalizando para a interpelação ideológica e para o atravessamento pelo inconsciente. Funciona nos domínios de memória, sustentando-se sócio-historicamente pelo que Pêcheux (1997, p. 161) chama de pontos de estabilização, “que produzem o sujeito com, simultaneamente, aquilo que lhe é dado ver, compreender, fazer, esperar”. Como discurso *de*, a

rememoração instaura redes de memória, comprovando que “em todo dizer há algo que se mantém” (ORLANDI, 2002, p. 36), e, pela repetição, garante a enunciabilidade de discursos, que ressoam como autorizados.

Delimitamos dois funcionamentos da rememoração: como interdiscurso e como discurso fundante. Como interdiscurso, significa como memória e faz sentido no eixo da formulação, pelo funcionamento do discurso transversal, pelo qual se atravessam discursos advindos de outros tempos e lugares, instaurando efeitos de sentido contrários à homogeneidade. Nesse funcionamento, a memória fornece a matéria-prima que sustenta o dizer no intradiscurso, articulando o já-dito e a atualidade. Como discurso fundante, a rememoração (discurso *dé*) constitui efeitos de verdade e de autoridade, legitimando e ancorando o dizer. Discursivamente, ocorre por meio de citações e pelo funcionamento do interdiscurso, como efeito do discurso transversal. Um exemplo da rememoração em seu funcionamento como discurso fundante ocorre pelos sentidos e discursos que retornam ancorados nas memórias de Erico Verissimo e também pela trilogia **O Tempo e o Vento**. Vale destacar que esse funcionamento não é automático e não se liga a intenções, considerando que se atrela à inscrição do sujeito em FDs, às condições de produção do discurso e, também, ao lugar social em que os textos circulam.

A comemoração recobre o discurso *sobre*, como atualidade sustentada em um discurso *de*, enquanto memória ou como discurso fundante, e funciona no eixo linear do dizer – eixo horizontal –, frequentemente, como discurso doutrinário, próprio das instituições. Nos moldes de Nora (1992), a comemoração funciona junto ao lugar de memória, noção cunhada por ele para ser o lugar da crítica, uma contra-memória, que, enfim, acabou sendo o lugar da celebração. Discursivamente, concebemos a comemoração como a contra-face da rememoração, na medida em que esta, ao funcionar como memória, faz retornar discursos pelos quais a comemoração deixa de ser estável e gerenciada pelas instituições, possibilitando deslizamentos, rupturas e a instauração de equívocos, tendo em vista que os discursos que retornam dependem de sujeitos e da inscrição desses sujeitos em formações discursivas que abarcam também as condições sócio-históricas e culturais da formação social. Orlandi (1990, p. 37) lembra que esse discurso “representa lugares de autoridade, constituindo-se como uma das formas importantes de institucionalização do sentido”.

A rememoração e a comemoração funcionam juntas no eixo da formulação, pois não há como determinar o que seja rememoração (discurso *dé*) e comemoração (discurso *sobre*), a partir do interdiscurso no intradiscurso, no qual a memória (rememoração) se encontra com a atualidade (comemoração), como um efeito do interdiscurso sobre si mesmo. Na

perspectiva discursiva em que nos inscrevemos, a rememoração/comemoração funciona em redes e se caracteriza pela demanda em situar e institucionalizar o discurso a partir de sujeitos. Esses sujeitos significam no coletivo e se estruturam por meio da identificação, que só ocorre quando há pontos de contato entre os sujeitos da formação social e o objeto rememorado/comemorado. Esses pontos de contato respondem pelos valores e pelos sentidos constitutivos do sujeito, que é *objeto do desejo* ou *objeto a* e que se repetem no eixo da formulação porque fazem sentido, isto é, porque significam nesse espaço de tempo e lugar.

Nos discursos de rememoração/comemoração, os lugares de memória marcam e guardam vestígios e traços de identificação e de representação existentes entre a formação social e os nomes ou eventos que atendem à demanda de sujeitos do discurso de serem *semelhantes* ou *iguais a*, e que designamos, em nosso texto, de sujeitos desejantes. No âmbito do discurso, o lugar de memória pode ser definido por meio da sua constituição em torno do desejo de “fazer-memória”, que se lineariza no fio do discurso por meio da repetição, instaurando efeitos de verdade e de legitimação.

Dissemos, desde o início, que o *corpus* discursivo se constituiu pelo “fazer-criar” decorrente de procedimentos de “fazer-ver”, instaurando, com isso, um “imaginário do ver”, descrito por De Certeau (1995). Diante disso, foi necessário analisar, também, as imagens, por meio da noção enunciado-imagem, quando uma imagem é tomada como unidade, estruturando-se interdiscursivamente e inscrevendo-se no intradiscurso pela repetição, que, pelo efeito de memória, estabelece relação entre enunciados, constituindo, assim, a textualidade (VENTURINI, 2009a). No intradiscurso, os enunciados-imagem têm o efeito “de uma presença na ausência”, na medida em que retomam o mesmo referente, em nosso trabalho, Erico Veríssimo, o qual é sempre ressignificado.

Buscando concluir...

O método abarca mais do que a constituição de arquivo e a estruturação do *corpus*. Fazem parte dele os dispositivos analíticos que direcionam, delimitam, autorizam e ancoram as análises. É nesse lugar que o analista assume posições, ata e entrelaça os fios, fazendo com que o seu texto tenha, mesmo que ilusoriamente, um começo, um meio e se encaminhe para conclusões e para compromissos assumidos, quando se optou por trilhar determinados caminhos, deixando outros.

Referências

- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre [et.al.]. **Papel da memória**. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. Sociosémiotique des images. In: DECROSSE, Anne (org.). **L'esprit de société vers une anthropologie sociale du sens**. Liège: Margada, 1993.
- _____. ; DUJARDIN, Philippe; SABATIER, Gerard (orgs.). **Politique de la mémoire**. Comemorer la revolution. Presse Universitaires de Lyon, 1993.
- LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Traduzido por Marie Christine Lasnik [et.al.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MALDIDIER, Denise; GUILHAUMOU, Jacques. La mémoire et l'événement: le 14 juillet 1789. In: COURTINE, J.J. [et.al.]. **Langages**. Mémoire, histoire, langage. n. 114, Paris: Larousse, juin.1994.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Traduzido por Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____.; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 4. ed. Traduzido por Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- NORA, Pierre. História e memória. Traduzido por Bernardo Leitão [et.al.]. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- _____. Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux. In: _____ (org.). **Les lieux de mémoire**. V. I – La République, p. XV-XLII. Paris: Editions Gallimard, 1984.
- _____. **L'Ere des commémorations**. V. II, p. 687-715. Paris, 1992.
- _____. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Traduzido por Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, dez.1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez/Ed. da Unicamp, 1990.
- _____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et.al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. Delimitações, inversões e deslocamentos. Traduzido por José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 7-24. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano:** espaço de
rememoração/comemoração. Passo Fundo/RS: UPF, 2009.

_____. Leitura de um espaço urbano: subjetividade e poder das palavras.

Desenredo: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade de Passo Fundo, v. 5, n. 2, p. 233-251, 2009a.